

PROGRAMA ALFALETRANDO NO DISTRITO FEDERAL: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DOCENTES

Lucineide Alves Batista Lobo¹
Camilli de Castro Barros²
Ana Kátia da Costa Silva³
Solange Alves de Oliveira-Mendes⁴

RESUMO

O presente estudo buscou analisar concepções de docentes que vêm participando, no âmbito do Distrito Federal, do Programa de Formação Continuada: Alfabetrando. Trata-se de uma política de alcance nacional, cujo objetivo é elevar a qualidade da educação básica, incidindo, diretamente, no 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. Busca-se analisar, ao longo da formação oferecida no primeiro semestre letivo de 2024, a percepção e o impacto que as/os cursistas tiveram do Programa. Teoricamente, nos campos da alfabetização e do letramento, esse projeto dialoga com Soares (2020; 2021), Morais (2012), Ferreira e Teberosky (1999), entre outros. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa (Goldenberg, 2004), em que se recorreu às entrevistas semiestruturadas com onze professoras/es atuantes em turmas de 1º e 2º anos do Bloco Inicial de Alfabetização – BIA, que estavam cursando o Programa Alfabetrando de diferentes regionais de ensino do Distrito Federal. Para o tratamento e análise dos dados obtidos recorremos à análise de conteúdo temática (Bardin, 1979; Franco, 2008). Na amostragem analisada, ficou perceptível que os/as profissionais reconhecem a importância da formação continuada e estão aplicando os conhecimentos constituídos em sala de aula, e que a participação docente no programa, tem influenciado na aprendizagem dos estudantes e tem promovido maior interação entre os professores inseridos no processo formativo.

Palavras-chave: Educação, Programa Alfabetrando, Concepções Docentes, Políticas Públicas Educacionais

INTRODUÇÃO

A trajetória da alfabetização no Brasil é caracterizada por desafios persistentes e relevantes ao longo de sua história. Desde os primeiros indícios no período colonial até as políticas contemporâneas de inclusão educacional, diversas tentativas surgiram na busca por soluções para o problema do analfabetismo. Entretanto, todo esse processo é atravessado por concepções documentais que revelam os conflitos subjacentes.

As particularidades presentes nas políticas voltadas à alfabetização evidenciam o caráter contraditório das abordagens adotadas. Um exemplo é o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa em 2012, que estabeleceu a meta de garantir a compreensão e o domínio da leitura e escrita nos primeiros três anos do ensino fundamental.

¹Doutoranda em Educação - UnB, lucineidelobo@gmail.com;

²Doutoranda em Educação - UnB, camillicastro2012@gmail.com;

³Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEE-DF, anakatt@gmail.com;

⁴Professora Associada na Universidade de Brasília - UnB, solangealvesdeoliveira@gmail.com;

Também podemos citar a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), que reduz o tempo destinado à alfabetização para dois anos (1º e 2º ano). Essa decisão acelera o processo, desconsiderando pesquisas que apresentaram uma visão distinta no campo epistemológico.

Continuando a discussão sobre o tema, encontramos o contraste da Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019), que ignora o vasto conhecimento acumulado ao longo de décadas de estudos e pesquisas, desconsiderando aspectos sociais e culturais. Além disso, essa política foi elaborada sem a consulta aos professores alfabetizadores, demonstrando um claro desrespeito a esses profissionais e contrariando o que seria necessário para o contexto educacional.

Por fim, destacamos que no dia 13 de junho de 2023, foi publicado no Diário Oficial da União (DOU) o Decreto 11.556/2023, que estabeleceu o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, uma nova política de alfabetização do Ministério da Educação-MEC. Esse decreto revogou o Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, que havia instituído a Política Nacional de Alfabetização.

Essa nova política de alfabetização visa garantir que todas as crianças sejam alfabetizadas até o 2º ano. Para isso, foi previsto um investimento de um bilhão em 2023, com mais dois bilhões a serem destinados nos próximos três anos. A coordenação estratégica dessa política ficará a cargo do MEC.

Atendendo ao Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, o Distrito Federal implementou o Programa Alfaletando: alfabetização e os diversos letramentos no contexto escolar. Essa política pública busca garantir que todas as crianças tenham acesso à alfabetização e ao desenvolvimento de habilidades linguísticas essenciais desde os primeiros anos de sua educação.

Considerando essa retomada histórica das políticas e programas de alfabetização e como tais concepções inerentes a eles tem influenciado e se incorporados às práticas e concepções dos professores alfabetizadores nosso objetivo neste trabalho foi analisar, ao longo da formação oferecida no primeiro semestre letivo de 2024, por meio do Programa Alfaletando no Distrito Federal a percepção e o impacto que as/os cursistas, ou seja, professores alfabetizadores da rede pública de ensino do Distrito Federal que participaram da formação identificaram como positivo ou negativo para suas práticas.

Para isto, detalhamos a seguir a metodologia utilizada.

METODOLOGIA

Para compreender como se deu a formação continuada configurada pelo Programa Alfaletando no Distrito Federal, cujo curso ocorre no espaço tempo da coordenação pedagógica dos docentes, e visando conhecer a perspectiva dos professores sobre as contribuições da formação para a sua prática profissional tendo em perspectiva as Metas do Plano Nacional de Educação, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa, visto que, como explica Goldenberg (2004, p. 18): “os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado. É como um mergulho em profundidade dentro de um grupo ‘bom para pensar’ questões relevantes para o tema estudado.”

A pesquisa qualitativa atende aos objetivos deste trabalho visto que dentro do próprio contexto pesquisado considera aspectos outros, como a singularidade e a subjetividade dos fenômenos estudados:

Partindo do princípio de que o ato de compreender está ligado ao universo existencial humano, as abordagens qualitativas não se preocupam em fixar leis para se produzir generalizações. Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social. Contrapõem-se, assim, à incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e da singularidade dos fenômenos que não podem ser identificados através de questionários padronizados (GOLDENBERG 2004, p. 18).

Como instrumentos de coleta de dado optamos por questionários semiestruturados via *google docs* enviados a cursistas de três regiões administrativas do Distrito Federal⁵.

Assim, ao diversificarmos o local, a coordenação a que o professor/a está vinculado profissionalmente selecionando professores de três coordenações regionais diferentes, buscamos analisar como a formação do Alfaletando se constitui em cada uma delas, possibilitando apreender as diferenças ou semelhanças em razão dessa distinção territorial, administrativa, buscando perceber se há uma uniformização em relação à oferta do curso Alfaletando ou se as diferenças em cada regional influenciam a recepção pelos professores.

⁵ O Distrito Federal tem 35 regiões administrativas (RA's). As RA's são dependentes do Governo do Distrito Federal e cada uma delas tem sua própria administração, sob coordenação do Governador do Distrito Federal.

Desse modo, como critérios, selecionamos para entrevista 11 professores/as de 1º e 2º ano do Bloco Inicial de Alfabetização - Anos Iniciais. Além de responderem sobre sua experiência formativa os docentes responderam às questões que contemplavam tópicos como:

- Motivação para a decisão de participar da formação Alfaletando
- Relevância do conteúdo da Formação
- Aplicabilidade do curso à sua prática docente
- Influência das aprendizagens do curso junto às aprendizagens dos estudantes
- Possibilidade de troca de experiência entre os cursistas/professores no curso
- Conhecimentos trazidos acerca da Alfabetização e do Letramento
- Mudanças advindas da formação para a organização do trabalho pedagógico do professor cursista
- Desafios relacionados à alfabetização e letramento no ano-ciclo do professor cursista contemplados na formação Alfaletando.

Em cada um desses temas, buscamos perceber a perspectiva e o olhar das professoras/res alfabetizadoras/res, participantes desta pesquisa, trazendo falas, trechos e reflexões que demonstrassem seus pontos de vista; delineando a partir das respostas dadas como essa formação se articula com sua experiência profissional, e com as práticas pedagógicas que desenvolvem.

A percepção dos professores alfabetizadores se faz importante nesse processo, pois são o público-alvo de todas essas políticas públicas para o campo da alfabetização em termos de formação, e de acordo com Oliveira (2006) as práticas escolares cotidianas são permeadas por apropriações que os docentes fazem e essa apropriação “no que-fazer pedagógico não ocorre por meio de um ato passivo, de recebimento de algo pronto e acabado; ao contrário, se constitui num processo ativo, de (re)construção das práticas já existentes.”

Para tratamento dos dados nos ancoramos na Análise de Conteúdo de Bardin (1979) que o apresenta como esse instrumento que cauciona o investigador nessa “hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência.

Desse modo ao empreendermos o tratamento das informações com base nessa opção metodológica ratificamos seus pressupostos no sentido de que:

Toda mensagem falada, escrita ou sensorial contém, potencialmente, uma grande quantidade de informações sobre seu autor: suas filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classe, traços psicológicos,

representações sociais, motivações, expectativas etc. O produtor/autor é antes de tudo um selecionador e essa seleção não é arbitrária (FRANCO, 2018 p. 27).

Assim, tais informações que apontarão para as respostas que buscamos responder neste estudo serão apresentadas na última seção deste artigo quando apresentarmos os resultados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para enfrentar os desafios postos para a questão da alfabetização, é fundamental manter um compromisso constante com a educação e implementar políticas que promovam equidade e inclusão. Isso requer um esforço colaborativo, com investimentos em infraestrutura, capacitação de professores, programas de apoio às famílias e ações para assegurar um acesso igualitário à educação em todo o país.

Como sabemos, a alfabetização no Brasil é um processo dinâmico que demanda a participação ativa de toda a sociedade, com esforços conjuntos e políticas educacionais eficientes. É crucial assegurar que cada criança brasileira tenha a chance de desenvolver seu pleno potencial.

De maneira geral, observamos que os desafios persistem ao longo do tempo na educação brasileira, particularmente no que tange à alfabetização, que é crucial para o desenvolvimento cognitivo e o êxito acadêmico dos alunos.

Em relação à fundamentação teórica que sustenta o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, percebemos que a política também se estruturou de forma semelhante ao PNAIC, quando trouxe alguns eixos para organizar os programas como o Alfaletando.

Nesse caso, o Compromisso está organizado em diferentes eixos, cada um com suas especificidades as quais elencamos a seguir:

- Eixo Gestão e Governança: Tem como objetivo garantir que todos os Municípios e Estados se comprometam com a formulação e a implementação urgente de políticas de alfabetização, respeitando suas particularidades (Brasil, 2023).

- Eixo Formação: Foca em assegurar que os entes federativos desenvolvam suas políticas para a formação de professores alfabetizadores, alocando recursos para treinamentos presenciais e virtuais (BRASIL, 2023).

- Eixo Infraestrutura Física e Pedagógica: Visa a aplicação de recursos para a distribuição de livros infantis, a impressão de materiais didáticos e pedagógicos, e a melhoria das condições das escolas (BRASIL, 2023).
- Eixo Reconhecimento de Boas Práticas: Busca reconhecer e premiar práticas pedagógicas e gestões eficazes no campo da alfabetização (BRASIL, 2023).
- Eixo Avaliação: Tem o propósito de promover a integração dos diversos sistemas de avaliação educacional para orientar a tomada de decisões nas redes de ensino (BRASIL, 2023).

Esses eixos estão interligados num regime de colaboração inter-federativo por meio da adesão dos municípios, estados e Distrito Federal com o intuito de elaborarem suas políticas de alfabetização, implementem suas políticas de formação de professores alfabetizadores, disponham de material pedagógico de apoio aos docentes, implementem espaços de incentivo às práticas de leitura, busquem práticas pedagógicas e de gestão que se destaquem e sejam premiadas, e promovam a articulação para constituir instrumentos de avaliação para a tomada de decisões.

No Distrito Federal a Subsecretaria de Educação Básica - SUBEB, e a Unidade - Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação, apresentaram o Programa Alfastrando: a alfabetização e os diversos letramentos no contexto escolar, a realizar-se no decorrer do ano escolar de 2024, esse curso foi destinado aos professores alfabetizadores que atuam em turmas de 1º e 2º ano nas unidades escolares da rede pública.

Esse curso se refere ao Eixo de Formação e Acompanhamento Pedagógico, vinculado ao propósito de estabelecer um processo formativo referente ao campo da alfabetização e letramento num percurso conduzido pela Rede Distrital de Alfabetização - (REDALFA), integrada por dois articuladores regionais vinculados às Coordenações Regionais de Ensino (CRE) e articuladores locais dispostos de acordo com as especificidades relacionadas ao quantitativo de escolas que compõem cada CRE.

Os objetivos que pautam o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada foram delineados na garantia de que 100% das crianças estejam alfabetizadas ao finalizarem o 2º ano do ensino fundamental, que versa na meta 5 do Plano Nacional de Educação. Outro empenho designado foi na recomposição das aprendizagens, comprometidas pelo processo pandêmico vivenciado, além de focalizar na alfabetização dos estudantes que estão cursando o 3º e 4º anos, de forma que esse público possa desenvolver

integralmente suas potencialidades no âmbito da alfabetização e letramento ao final do percurso.

É importante apontar que, inicialmente, a formação abrangeu apenas o 1º e 2º ano do ensino fundamental no ano de 2024, se estendendo aos demais à medida que avançar na proposta. A seguir, trataremos sobre a alfabetização e letramento no que se refere ao trabalho nesse campo epistemológico.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

As mudanças ocorridas com o passar do tempo nos trazem reflexões a respeito do que o processo de alfabetização e letramento respondem à sociedade atual. Sabemos que o simples fato de repetir famílias silábicas não conduz à interiorização de um ensino relevante, pois a ausência de significação das palavras não desperta o interesse por ser limitado e simplista.

A criança como ser cognoscente busca a compreensão desse complexo sistema, pois elaboram suposições nesse trajeto e fornecem pistas ao professor de seu processo de construção da leitura e escrita numa cadeia sucessiva e resolução de conflitos e produção de outros que precisam ser superados (Ferreiro; Teberosky, 1999). Nesse movimento os estudantes vão se apropriando de conceitos de forma gradual, permitindo que superem e retomem constantemente suas suposições, facilitando, assim, a construção do conhecimento.

Ao examinarmos o processo de alfabetização, identificamos particularidades que caracterizam essa etapa inicial, onde a criança reflete, em sua aprendizagem, a influência do ambiente, o qual não é neutro quanto à diversidade de informações escritas disponíveis. Conforme Soares (2020, p. 48), "a escrita alfabética foi historicamente desenvolvida como um sistema de representação externa, materializado como um sistema notacional, e não simplesmente como um código." Nesse sentido, a criança precisa apropriar-se dos diversos elementos constitutivos da escrita alfabética, pois ainda não internalizou as normas que regem esse processo. Como resultado, o significado das letras não é imediatamente evidente para elas, que são constantemente desafiadas a construir, desconstruir e reconstruir esses significados.

Na atualidade, no entanto, Soares (2020) oferece uma perspectiva que se distancia dos métodos tradicionais. A autora afirma que "os métodos de alfabetização são constituídos por conjuntos de procedimentos baseados em teorias e princípios linguísticos e psicológicos" (Soares, 2020, p. 53). A autora argumenta que o educador

utiliza diversos procedimentos, integrando-os a materiais didáticos, arranjos grupais, entre outros elementos, com o intuito de atender às particularidades de cada processo de aprendizagem.

A alfabetização é extremamente reconhecida como um processo multifacetado e intrinsecamente interligado, em que múltiplos aspectos coexistem de maneira inseparável. De acordo com Soares (2021), uma análise da literatura exige uma revisão aprofundada de diversas abordagens, teorias e estudos, levando à construção de um estado da arte no campo da alfabetização. Esse campo é marcado pela diversidade teórica e metodológica, o que requer um olhar abrangente sobre suas características essenciais.

Nesse sentido, compreendemos que o processo de alfabetização é um território marcado por vários aspectos que se delineiam por meio de abordagens variadas num campo permeado por disputas.

Morais (2012) observa que as concepções sobre alfabetização passam por transformações significativas à medida que o campo de estudos avança. Enquanto na década de 1950 a capacidade de controlar o próprio nome era considerada um indicador de alfabetização, atualmente espera-se que os recém-alfabetizados possuam habilidades de leitura e compreensão de pequenos textos, bem como a capacidade de produzir escritos simples.

Compreende-se, assim, a importância atribuída ao aspecto social do uso da língua, elemento essencial para uma inserção independente na cultura letrada. Atualmente, com a ampliação do conceito de alfabetização, nota-se uma intersecção entre essa área e o campo do letramento. Ser considerado alfabetizado, nos dias de hoje, implica não apenas o domínio do sistema de escrita alfabética, mas também a capacidade de ler, compreender e produzir textos de curta extensão.

Prosseguimos com a exposição dos resultados obtidos a partir da abordagem aplicada pelos docentes que responderam ao questionário.

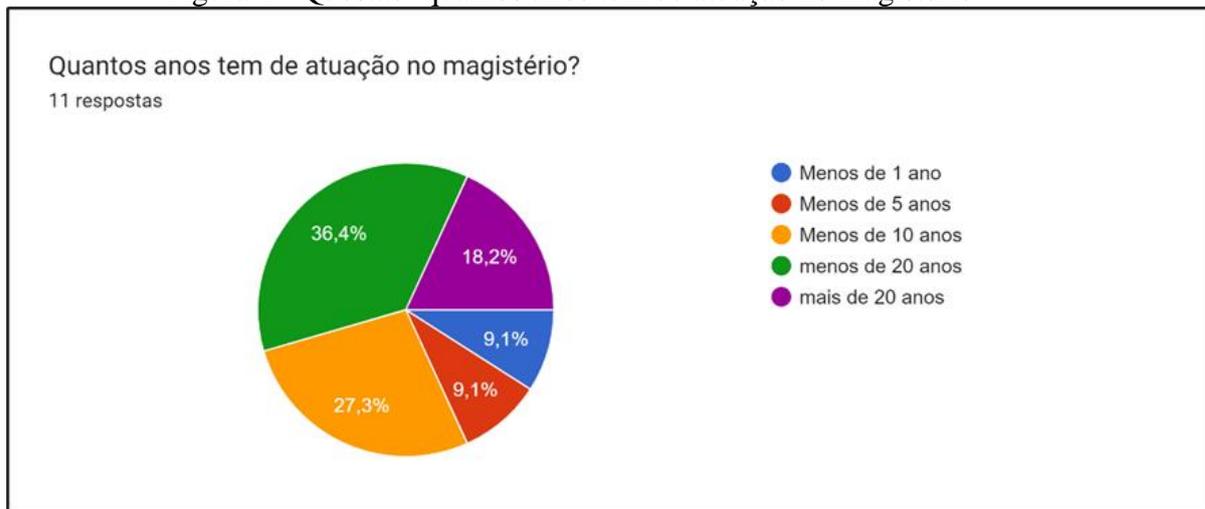
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme descrito no capítulo metodológico, foi aplicado um questionário a onze docentes que atuam em turmas do 1º e 2º ano do ensino fundamental. Em resposta à questão referente ao ano em que lecionam, verificamos que cinco professores atuavam

no 1º ano, e seis no 2º ano. Constatou-se que seis docentes atuavam no turno matutino, enquanto cinco exerciam suas atividades de regência no turno vespertino.

Quanto à formação acadêmica, 54,5% dos docentes respondentes possuem pós-graduação na área de educação, enquanto 45,5% se concluíram formação superior em pedagogia, o que indica uma totalidade dos respondentes com nível superior.

Figura 1 - Questão: quantos anos tem de atuação no magistério?



Fonte: elaborado pelas autoras.

Com relação à atuação no magistério, os dados revelam que 9,1% possuem menos de um ano de atuação efetiva docente, 9,1% menos de cinco anos em sala de aula, e 27,3% menos de dez anos, 36,4% menos de vinte anos e 18,2% mais de vinte anos em sala de aula, o que nos revela que temos professores recém ingressantes na Secretaria de Educação, professores com pouca e professores com muitos anos de experiência. Porém dos entrevistados, a maioria, ou seja, 54,6 % se encontram com um acima de dez anos de experiência docente, nos levando a crer que são professores que já vivenciaram outras políticas e programas de formação profissional, pelo menos os que foram implementados na última década.

Figura 2- Questão: quantos anos de experiência em turmas de alfabetização?

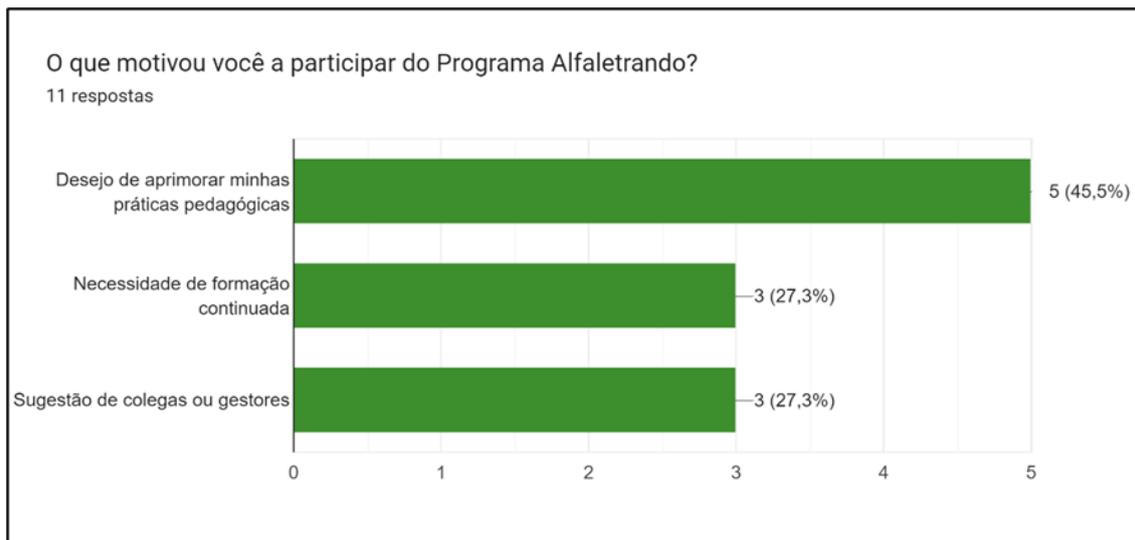


Fonte: elaborado pelas autoras.

Na atuação em turmas de alfabetização, foi observado que temos um quadro diferenciado. O estudo indicou que 54,5% dos participantes da pesquisa possuem menos de cinco anos de experiência em turmas de alfabetização, seguido pelo mesmo percentual, 18,2% para professores com menos de dez anos e para professores com menos de vinte anos com atuação em alfabetização, e 9,1% com menos de um ano de atuação em classes de alfabetização. Vemos aqui em comparação com o dado anterior em que mais da metade dos profissionais apresentam mais de dez anos de experiência docente, aqui mais da metade apresenta menos de cinco anos com experiência atuando em turmas de alfabetização, o que nos diz que mesmo se tratando de um grupo de docentes com bastante tempo de atuação, o tempo de experiência alfabetizando crianças, não é o mesmo, mas ao contrário é muito pouco comparado ao tempo de atuação, nos lembrando que a necessidade de constantes propostas de formação nessa área, são necessárias.

Assim, esse quadro nos permite analisar que a formação continuada precisa ser constante e que a troca de experiências entre os docentes com diferentes anos de atuação pode ser um fator que auxilie nesse processo.

Figura 3 - Questão: o que motivou você a participar do Programa Alfaletando?



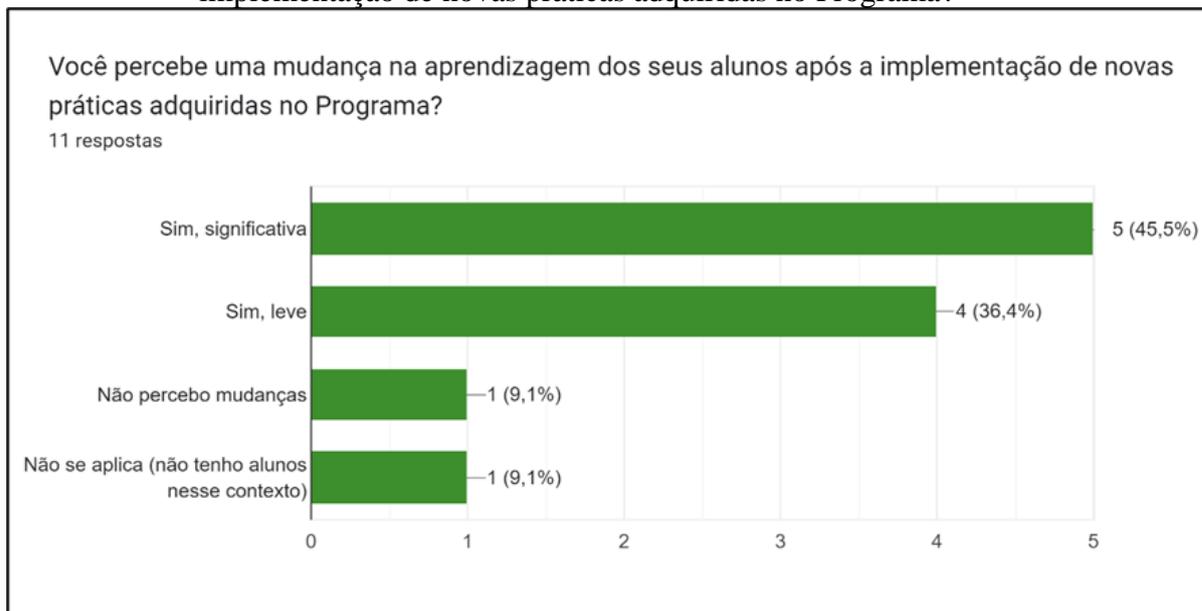
Fonte: elaborado pelas autoras.

Entre os docentes participantes, cinco indicaram que a motivação para integrar o Programa Alfaletando foi o desejo de aperfeiçoar suas práticas pedagógicas. Três professores apontaram a necessidade de formação continuada como razão principal, enquanto outros três mencionaram que foram incentivados a participar a partir da recomendação de colegas ou gestores. Demonstrando que para a maior parte dos profissionais, a decisão trata-se de uma motivação pessoal, ligada ao interesse de aperfeiçoar sua própria ação docente.

No que se refere à avaliação da relevância dos conteúdos envolvidos no programa para a prática pedagógica, 72,7% dos participantes consideraram-nos de alta relevância, enquanto 27,3% dos o apontaram como relevantes. Nos chama a atenção que todos os profissionais percebem a importância da formação continuada, a partir desse dado.

Com relação à categoria aplicabilidade dos conhecimentos inseridos na formação do Programa Alfaletando, o estudo apontou que 81% dos partícipes utilizaram com frequência os blocos de conteúdos trabalhados na formação enquanto que 18,2% revelaram que somente às vezes levava esses conhecimentos para a sala de aula. Nesse item ficou claro, a aplicabilidade dos conteúdos do programa, visto que grande parte dos professores atestou utilizar o aprendizado constituído na formação do Programa Alfaletando em suas salas de aula.

Figura 4 - Questão: você percebe uma mudança na aprendizagem dos seus alunos após a implementação de novas práticas adquiridas no Programa?

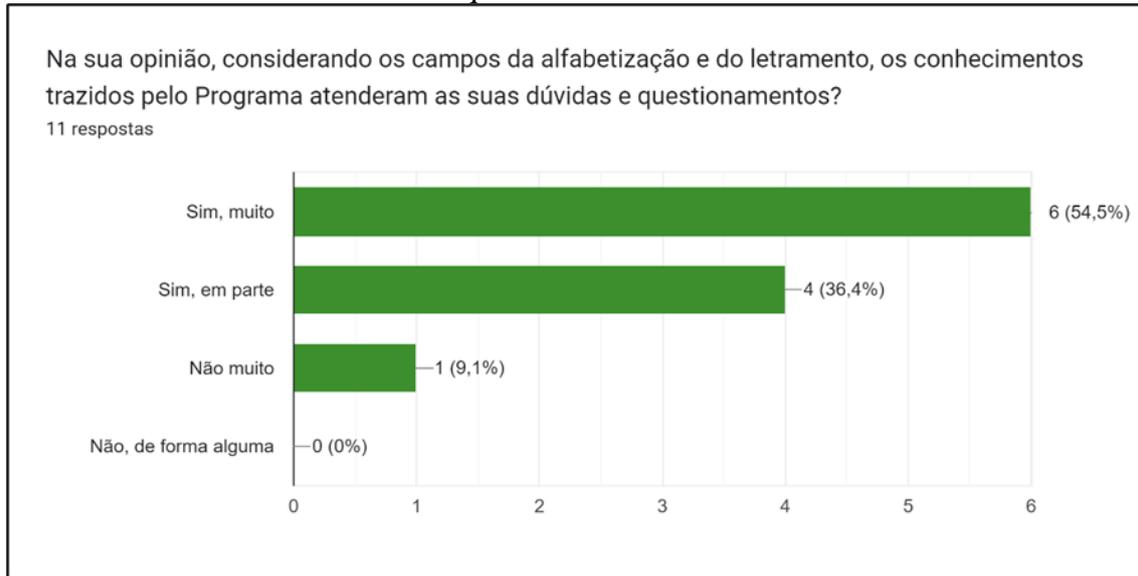


Fonte: elaborado pelas autoras.

O estudo ainda demonstrou que dos docentes participantes, 45,5% declararam que perceberam mudanças significativas na aprendizagem dos estudantes após a implementação de práticas trabalhadas na formação do programa. Outros 36,4% observaram leves mudanças enquanto 9,1% não percebeu e 9,1% declarou que não havia estudantes nesse contexto. Nessa análise, fazemos uma inferência de que os dados coletados demonstraram a eficiência do programa, no sentido de que quase 50% dos docentes atestam que realizar as atividades do curso em sala, impacta na aprendizagem dos estudantes diretamente.

Em relação ao favorecimento e troca de experiências e integração com outros profissionais da educação, 63,6% reiteraram que a formação contribuiu com essas interações entre os profissionais, 27,3% em parte e 9,1% disseram que não muito. Evidenciamos nesse ponto, que o espaço de formação oportuniza aos professores com diferentes perfis, interagirem entre si, onde a troca de experiências entre estes profissionais pode contribuir ainda mais para o aprendizado desse público do programa Alfaletando.

Figura 5 - Questão: na sua opinião, considerando os campos da alfabetização e do letramento, os conhecimentos trazidos pelo Programa atenderam as suas dúvidas e questionamentos?



Fonte: elaborado pelas autoras.

Quando indagados acerca do atendimento às dúvidas e questionamentos referentes à alfabetização e letramento que os docentes tinham, se o programa conseguiu atender aos conhecimentos necessários para sua prática em sala de aula, 54,5% concluíram que sim, o que podemos observar através da seguinte resposta: “O curso reforça os saberes organizacionais pedagógicos, auxiliando na prática diária”; já 36,4% responderam que foi em parte e 9,1% disseram que não muito, o que se confirma na seguinte resposta: “Não percebo, ainda, as mudanças”.

Esse quadro nos revela que a formação continuada oferecida pelo programa Alfaetrando ainda necessita estar mais próxima do cotidiano da escola para conseguir atender as demandas e questionamentos dos docentes em relação a temática da alfabetização e letramento.

Sabemos que a organização do trabalho pedagógico é fundamental para o desenvolvimento de toda dinâmica da escola. Desse modo, em relação a esse quesito, podemos elencar algumas possibilidades didático-pedagógicas que sobressaíram ao tratar esse dado. Uma cursista declarou:

As principais mudanças foram o resgate da ludicidade em conteúdos que sempre pareceram massacrantes e de difícil contextualização, como unidade de medida, por exemplo. As ideias apresentadas foram simples e eficientes.

Em relação aos principais desafios que o docente enfrenta no ensino de alfabetização e letramento no ano-ciclo em que atuam para alcançar os diferentes ritmos

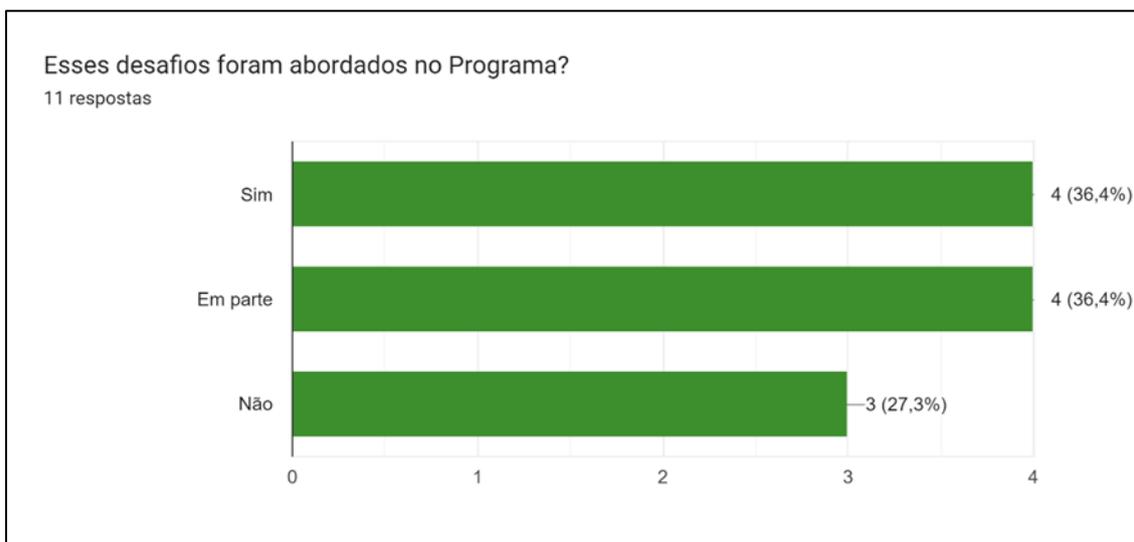
de aprendizagem, as questões que mais se destacaram nas respostas foram: turma superlotada; falta de recursos materiais e a pouca participação da família; turma cheia e níveis de leitura e escrita variáveis (crianças alfabetizadas e crianças pré silábicas); o engajamento da família e a competição com as novas tecnologias, pois a escola do século 21 já deveria estar preparada tecnologicamente para competir com a tecnologia.

Essa mesma dificuldade, de níveis de leitura e escrita variáveis, foi relatada por Oliveira (2010, p. 419) em seu estudo. Para a autora,

uma das dificuldades encontradas, no rol das práticas, conforme nossos dados apontaram, foi praticar um ensino ajustado às diferentes demandas de aprendizagem. Reiteramos que a ausência de uma prática sistemática de planejamento, em nossa compreensão, desencadeou limites evidentes para o atendimento à heterogeneidade.

Com relação a questão dos níveis diferentes dos estudantes, Perrenoud (1999) acredita que nenhum grupo é totalmente homogêneo quando se trata dos níveis de domínio alcançados no início de um ciclo. O autor segue afirmando: “no que diz respeito à língua materna, a heterogeneidade é ainda maior, porque a língua participa plenamente da diversidade das culturas, dos modos de vida e de comunicação, dos registros de língua e das normas” (PERRENOUD, 1999, p. 94).

Figura 6 - Questão: esses desafios foram abordados no Programa?



Fonte: elaborado pelas autoras.

Quando questionados se esses desafios, citados pelos docentes anteriormente, foram abordados na formação do programa Alfaletando tivemos as seguintes respostas: 36,4% disseram que sim, enquanto outros 36,4% responderam que o programa abordou

em parte e apenas 27,3% disseram que o programa não abordou os principais desafios dos professores alfabetizadores. Demonstrando que o programa também abordou em grande parte aqueles desafios cotidianos que os professores enfrentam em sua atuação, como a ausência da família, a heterogeneidade no aprendizado das crianças, e a superlotação das salas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na percepção dos docentes, mesmo que de forma amostral, é possível perceber, que os professores experientes, ou seja, aqueles com bastante tempo de atuação em sala de aula, nem sempre são experientes quanto à prática nas salas de aula de alfabetização, por outro lado, tanto experientes como inexperientes, buscam por meio dos programas e das políticas de alfabetização ofertados uma constante atualização e aperfeiçoamento do seu fazer cotidiano.

Quando a maioria dos professores, respondem que utilizam os conhecimentos do programa Alfaetrando em suas aulas, ao mesmo tempo em que percebem os avanços na aprendizagem dos estudantes a partir disso, revelando que há ainda um espaço amplo para o investimento nesse tipo de formação continuada, e que os docentes não apenas valorizam, mas se engajam ativamente nesse processo formativo. As falas colhidas nos questionários, reafirmam essa percepção docente acerca da importância e da eficácia do programa e da formação:

O programa Alfaetrando tem alguns eixos e um deles é formação continuada que tem como objetivo empoderar nossos professores para o processo de alfabetização... apresentando e discutindo diversos caminhos para o fazer pedagógico considerando o repensar a Alfabetização e o letramento alinhando as práticas já exitosas de nossos educadores aos novos conhecimentos.

“Curso importante para crescimento profissional e para melhorar a prática em sala de aula.”

Gostei muito de participar do programa e o considero muito relevante para a realidade da minha sala de aula. Gostei também do livro que o programa forneceu, visto que é um material regional e totalmente vinculado ao Currículo em Movimento da SEEDF. Em minha opinião o GDF deveria investir mais em materiais que tratam dessa parte diversificada (...)

Assim, a despeito dos grandes desafios que os próprios professores elencaram, os quais citamos anteriormente, quando se trata do processo de alfabetização, este

trabalho demonstrou que tais dificuldades históricas e também inerentes ao processo educativo nos primeiros anos escolares, podem ser amenizadas a partir do investimento em cursos e programas específicos que levam os professores a se apropriarem de conhecimentos e discussões específicas para atuarem com mais segurança e preparo no ensino da língua, tendo em vista a perspectiva de alfabetizar letrando, no sentido de que não basta mais ensinar a ler e a escrever no sentido estrito, mas é preciso ensinar a ler e a escrever o mundo, como diria Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA - Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BRASIL. Decreto nº 11.556 de 12 de junho de 2023. Instituiu o **Compromisso Nacional Criança Alfabetizada**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 13 de jun. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11556.htm. Acesso em 25 abril de 2024.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Edição comemorativa dos 20 anos de publicação. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 5. ed. - Editora, Autores associados, Campinas: 2018

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramento, 2012.

OLIVEIRA, Solange Alves de. **O sistema de notação alfabética como objeto de ensino e de avaliação num regime ciclado**: concepções da prática. 29ª reunião anual da ANPED, GT n.10, Caxambu, MG: 2006.

OLIVEIRA, Solange Alves de. **Progressão das atividades de Língua Portuguesa e o tratamento dado à heterogeneidade das aprendizagens**: um estudo da prática docente no contexto dos ciclos. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil. 2010.



PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização:** a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2021.